

A TELEVISÃO LEVADA A SÉRIO

Autor: Arlindo Machado

Editora SENAC SP, 2000

A editora SENAC trouxe, no final do ano passado, a mais recente obra de Arlindo Machado: *A Televisão levada a sério*. Título um tanto pretensioso, já que parece indicar a falta de trabalhos realmente sérios sobre a TV no Brasil. Nela encontramos os ensaios do professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP, reunindo sua conhecida preocupação em fazer o inventário e análise de vasto material iconográfico que sirva de referência para estudantes da área de televisão, referências que colocariam os estudos sobre a produção televisiva entre os temas legítimos de serem trabalhados "seriamente".

É impossível não reconhecer a verdadeira luta simbólica que Machado trava para incluir este tipo de estudo entre os considerados "sérios" para o mundo acadêmico e para os intelectuais em geral (excluindo aqueles que vêm da Semiótica e que não precisariam desse tipo de alerta ao que parece). Trata-se da construção de uma "história", na forma de

um inventário de programas de "qualidade" feitos diretamente para a TV (na verdade, no decorrer da obra, o autor se preocupa com os novos ambientes midiáticos), um "repertório fundamental", que possa servir de "referência" sobre a possibilidade de se realizar intervenções originais nesse tipo de mídia.

As palavras estão entre aspas porque envolvem problemas semânticos importantes. Machado lembra pelo menos sete definições encontradas para o termo qualidade e parece indicar um tratamento plural para a questão, adotando-as sem delimitações extremamente rígidas e excludentes. Prefere o termo "referência", sujeito a reavaliações e a tensões e mais flexível que a noção de "cânone".

Mesmo quem não conhece outras obras de Machado vai perceber a ênfase que confere às essas intervenções, uma vez que acredita que a televisão é aquilo que fazemos dela. É notória a sua opinião de que a maioria das críticas destinadas a esse meio levam ao confor-

mismo e à negação da televisão em bloco, como algo homogêneo.

Sua principal crítica aos estudos sobre televisão é que poucos trabalhos têm se concentrado em uma questão fundamental que é a da análise dos programas. A maioria dos trabalhos a aborda de uma maneira abstrata como meio. Argumenta que o que acontece com a TV não é diferente daquilo que acontece com a literatura, o cinema, a música. Denuncia o preconceito. Na verdade, aponta como uma característica da TV o fato de que mesmo oferecendo um produto "elitizado" ele sempre alcançará um público imenso para os padrões de outras mídias (o que ocorre também com os programas de baixa qualidade que produz e que alcançam um público gigantesco).

As referências aparecem a todo momento: *Columbo*, *Bonanza*, *The Outer Limits*, *Comédia da Vida Privada*, *Malu Mulher*. A partir delas, o autor chega a construir algo parecido com (três) tipos ideais (no sen-

tido weberiano) de narrativas seriadas, procurando mostrar a dificuldade de se estabelecer uma classificação rígida desses gêneros narrativos e de sua originalidade.

A crítica mais pesada fica para intelectuais como Virilio e Bourdieu no momento em que discutem a questão da velocidade da produção televisiva e a sua incompatibilidade com qualquer reflexão séria sobre questões que não se enquadrem a ela. Ao concentrar-se nas formas de transmissão ao vivo, na forma de telejornais, programas de entrevistas e outros, tenta mostrar que é justamente a velocidade desse tipo de transmissão que dificulta as diversas formas de manipulação. Ao contrário do cinema onde há um intervalo entre a tomada das cenas, o tempo da correção dos "erros" e a sua finalização, a TV ao vivo é um espaço de incerteza e vive dessa instabilidade nas suas formas de controle. Machado sugere a exploração da verdadeira polifonia que pode ser alcançada na transmissão ao vivo.

É preciso lembrar, entretanto, que a velocidade impede também a verificação adequada das fontes e dos dados em nome das manchetes-furos e que erros gravíssimos já foram cometidos pelas circunstâncias em que são produzidas as notícias. Parece haver algo de exagero nessa apologia da transmissão ao vivo, embora reconheça que ela tem um

potencial nem sempre controlável pelos que a produzem. Vale a pena dar uma olhada em *A Arte do Vídeo* onde o autor aparentava ter uma visão mais crítica sobre o tema.

Da música erudita e experimental à música pop traça as tentativas de construção de uma música visual, ou melhor, a visualização da música (uma experiência sinestésica). Com suas inúmeras referências, aponta as mais diversas realizações nesse campo, procurando encontrar a particularidade de suas contribuições (as apresentações de Glen Gould, os videocliques feitos para ou por R.E.M., Laurie Anderson, Rage Against the Machine, Arnaldo Antunes, David Byrne).

A despeito das críticas que vêm nos vídeos a velocidade e a fragmentação excessiva, Machado procura encontrar neles a formação de uma nova visualidade, sem a prisão a uma concepção figurativa e linear, permitindo novas formas de leituras. Identifica em músicos como Arnaldo Antunes e Laurie Anderson, exemplos de compositores e realizadores em vídeo, gerando uma síntese que é necessariamente original como linguagem.

Das artes gráficas, dos créditos de obras cinematográficas ao logo de emissoras de TV, destaca a riqueza do design encontrado em circunstâncias mais banais do cotidiano e do nosso contato com as mídias.

Esta visualidade envolve

também o poema, a criação poética em novos suportes, novos ambientes, onde o que se destaca é o movimento, o deslocamento da palavra (deslocamento na tela, desaparecendo na forma de fade out) passagem ou fusão do som para a palavra ou a sua representação simultânea, fragmentada, explorando a linguagem não apenas para fins de comunicação, mas a sua tensão, sua instabilidade, suas múltiplas leituras. Machado entende que o poeta não pode ignorar a possibilidade de explorar os recursos midiáticos e digitais existentes em busca de uma "poesia midiática plena". Destaca as experiências iniciais de Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e a sua tradução para ambiente digital na forma de hiperpoemas (explorando o hipertexto), infopoemas, holopoemas, etc.

Apesar do preço um pouco salgado para os bolsos tupiniquins, o leitor vai sentir a tentação de incluir suas referências nesse repertório, de encontrar as que não conhece e de ter o contato com um conjunto de preocupações que já vêm acompanhando o autor em várias de suas obras, como a *Arte do Vídeo* e *Máquina e Imaginário*.

**Resenha elaborada por
Liraucio Girardi Junior**

**Professor do IMES e
Fundação Cáspér Líbero**